

ELEIÇÕES

2026

Porto Alegre, 5 de outubro de 2026
Caderno Especial do Jornal do Comércio

ELEIÇÕES 2026

Zucco vence governo do RS no 1º turno

Candidato do PL, Luciano Zucco obteve 3.516.048 votos; coligação elegeu 26 parlamentares para a Assembleia Legislativa

Paula Coutinho, editora de Política
paula.coutinho@jornaldocomercio.com.br

Com 58,05% dos votos válidos, o deputado federal Luciano Zucco (PL) se tornou o governador eleito em primeiro turno com maior percentual de votos na história do Rio Grande do Sul desde a redemocratização. O resultado não era definido no primeiro turno das eleições desde o pleito de 2010, quando Tarso Genro (PT) garantiu a vitória ao Palácio Piratini com 54,35%. Zucco superou a adversária Juliana Brizola (PDT), que ficou em segundo lugar com 31,65% dos votos, em coligação com o PT. A confirmação

do primeiro turno contrariou as pesquisas eleitorais que, durante quase todo o transcorrer da campanha, indicavam que a disputa iria para o segundo turno no Estado. Com o respaldo de 3.516.048 eleitores, Zucco terá como um dos seus principais desafios a retomada do pagamento da dívida do Estado com a União. O passivo fechou 2025 com estoque de R\$ 106,5 bilhões, e o pagamento está suspenso desde junho de 2024, em função da enchente daquele ano. A previsão é que as parcelas voltem a ser quitadas na metade de 2027. Além do amplo apoio popular, Zucco garantiu também nesta eleição, um importante amparo político na Assembleia Legislativa, com a eleição de 26 deputados e deputadas de partidos integrantes da sua coligação, quase a metade das cadeiras em um universo de 55 cadeiras no Parlamento gaúcho.

RESULTADO FINAL

Votação ao governo do Rio Grande do Sul - 1º turno

Luciano Zucco (PL)	58,05% (3.516.048 votos)
Juliana Brizola (PDT)	31,65% (1.917.374 votos)
Gabriel Souza (MDB)	8,43% (510.698 votos)
Marcelo Maranata (PSDB)	1,68% (101.978 votos)
Priscila Voigt (UP)	0,09% (5.716 votos)
Rejane de Oliveira (PSTU)	0,06% (3.492 votos)
Cesar Pontes (PCO)	0,04% (2.137 votos)

Percentual em votos válidos 90,44%
Total: 6.055.306 votos

DADOS DO ELEITORADO		
Eleitorado do Estado	Abstenção	Votos nulos
8.516.465	1.819.041	315.858
100%	(21,36%)	(4,72%)



Luciano Zucco é eleito governador em primeiro turno com apoio de 58,05% do eleitorado gaúcho

TÂNIA MEINERZ/JC

ELEIÇÕES 2026



MATEUS RAUGUST/DIVULGAÇÃO/JC

Luciano Zucco (PL) e a vice, Silvana Covatti (PP), são recebidos com festa por apoiadores na comemoração da vitória em frente ao comitê central em Porto Alegre

Luciano Zucco pede 'pacto de união' pelo Estado e diz querer sugestões dos adversários

Eleito governador com 58,05% dos votos válidos, Zucco afirmou que buscará uma transição dialogada

Bolívar Cavalar

bolivarc@jcrs.com.br

Luciano Zucco (PL) foi eleito governador do Rio Grande do Sul neste domingo, em primeiro turno, com 58,05% dos votos válidos, e vai comandar o Estado de 2027 a 2030 ao lado de sua vice, Silvana Covatti (PP).

Ele ficou à frente dos adversários Juliana Brizola (PDT), com 31,65%, Gabriel Souza (MDB), com 8,43%, e Marcelo Maranhata (PSDB),

com 1,68% - os demais candidatos pontuaram menos de 1%.

Zucco e Silvana Covatti foram recebidos com festa por apoiadores na comemoração da vitória em frente ao comitê central, na avenida Voluntários da Pátria, em Porto Alegre.

Em coletiva de imprensa concedida após o resultado, Zucco teceu um discurso conciliador, em que agradeceu aos adversários, disse querer conversar com todos para buscar sugestões e pediu um "pacto de união" pelo Rio Grande do Sul.

"Se a gente é bom de briga, a gente também é bom de união. A história já provou que quando o gaúcho se une, ninguém nos segura. Essa é a primeira convocação que eu quero fazer a todos

os gaúchos: um pacto de união pelo nosso Estado", disse Zucco. Em outro momento, o governador eleito acrescentou: "A campanha terminou hoje. Eu respeito meus adversários, vou conversar com todos eles, quero buscar sugestões. Agora somos todos Rio Grande".

Questionado sobre a articulação do próximo Executivo com a Assembleia Legislativa eleita, Zucco afirmou que vai "dialogar com todos, inclusive com partidos de centro-esquerda". "Vamos trabalhar as pautas que importam para o Rio Grande do Sul, e os partidos que entenderem que podem agregar valor, que podem se somar, para que a gente realmente tenha uma maturidade política que entregue resultado para o Estado, assim eu farei", disse o governador eleito.

Também afirmou ter ficado surpreso com a eleição em primeiro turno, e que ele e sua coligação - composta por PL, Federação União-PP, Republicanos, Podemos, Novo e Democracia Cristã - se prepararam para uma disputa em dois turnos.

Além disso, Zucco disse que não vê "terra arrasada" no Rio Grande do Sul, e que conversou com o atual governador, Eduardo Leite (PSD), para encaminhar uma agenda visando ajustar os detalhes da transição de governo. "A conversa com o governador foi muito respeitosa, ele me parabenizou e se deixou à disposição."

Zucco destaca eleições de aliados no Sul e Sudeste: 'vantagem enorme'

Durante toda a campanha, Luciano Zucco apontou para um objetivo de reunir governadores aliados do Sul e do Sudeste para articular em Brasília temas de interesse dessas regiões.

Com a vitória de candidatos do PL nos três estados do Sul - Jorginho Melo (SC) e Sergio Moro (PR) -, o governador eleito no Rio Grande do Sul observou uma "vantagem enorme" de unir

lideranças estaduais para pautas conjuntas.

Ele indicou para a possibilidade de união dos estados do Sul para temas de segurança. "É uma vantagem enorme estarmos no mesmo partido, somos três amigos, e com certeza será uma estratégia nós reunirmos as forças de segurança para trabalhar de forma integrada", afirmou Zucco.

'Vamos entrar em uma campanha muito forte para eleger Flávio'

Luciano Zucco afirmou ainda que se dedicará nas próximas semanas para fazer campanha para o senador Flávio Bolsonaro (PL), que disputa o segundo turno - marcado para 25 de outubro - com o presidente e candidato à reeleição, Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

"Nós vamos agora entrar em uma campanha muito forte para eleger também Flávio Bolsonaro presidente do Brasil", disse o governador eleito no Rio Grande do Sul. Ele completou: "Já a partir desta semana nós vamos começar a organizar a transição, mas logicamente ainda temos uma campanha nacional vigente. E aqui, Região Sul,

eu, o Jorginho (Mello, PL, reeleito governador de Santa Catarina) e o Sergio Moro (PL, eleito governador do Paraná), os três do mesmo partido, vamos entrar muito forte para eleger Flávio Bolsonaro".

Ele ainda apontou que, caso Flávio seja eleito presidente, buscará articular soluções para a dívida do Rio Grande do Sul com a União - atualmente superior a R\$ 100 bilhões - junto a outros estados devedores e que têm governadores aliados de Zucco, como é o caso de Minas Gerais, com o governador eleito Cleitinho (PL), e São Paulo, com o governador reeleito Tarcísio de Freitas (Republicanos).

ELEIÇÕES 2026

Leite cumprimenta Zucco e promete ‘transição exemplar’

Governador afirmou já ter conversado com seu sucessor e sinalizou uma transição tranquila

Cássio Fonseca

cassiof@jcrs.com.br

Prometendo um “exemplar processo de transição, com a maior responsabilidade com o povo gaúcho”, o governador Eduardo Leite (PSD) comentou, no início da noite de ontem, o resultado do pleito estadual que elegeu Luciano Zucco (PL) como seu sucessor no Palácio Piratini.

Em um post publicado na rede social X às 19h45min, Leite informou que já havia conversado com Zucco (PL) e cumprimentado o novo governador eleito pela vitória em primeiro turno.

“Conversei há pouco com o governador eleito, Luciano Zucco, e o cumprimentei pela vitória”, publicou Leite.

“Os gaúchos fizeram a sua escolha democraticamente e eu desejo êxito ao novo governo”, afirmou o governador atual. “Nos próximos dias, abriremos um exemplar processo de transição, com a maior responsabilidade com o povo gaúcho”, completou.

Ao chegar ao comitê central da campanha de seu candidato, o vice Gabriel Souza (MDB) - que



Leite disse que detalhará nos próximos dias como será organizada a transição

amargou o terceiro lugar nas urnas, com 8,43% dos votos - no bairro São Geraldo, em Porto Alegre, após o resultado sacramentado, Leite se absteve de comentar mais a fundo a decisão das urnas e afirmou que já tinha entrado em contato com Zucco para garantir a transição do governo. Leite disse ainda que irá explicar hoje, no Piratini, como será organizado esse processo.

Sem conseguir emplacar o sucessor, o governador foca agora nos últimos dois meses de mandato, após oito anos no comando do Executivo. Leite, que almejava disputar a presidência da República, mas acabou preterido internamente no partido, que optou por Ronaldo Caiado - candidato que amargou 2,47% dos votos -, deve deixar, ao menos por enquanto, a

vida pública a partir do início de janeiro de 2027.

Zucco obteve 58% da votação válida (3.516.048 votos). Juliana Brizola (PDT) terminou a disputa com 1.917.374 votos (31,65%). Gabriel Souza (MDB) e candidato do governo, recebeu 510.698 votos (8,4%). Marcelo Maranata (PSDB) tem 101.978 votos (1,68%).

O governador falou no comitê de campanha de Gabriel, no bairro São Geraldo, em Porto Alegre, após o resultado das urnas já estar sacramentado.

O governador se mostrou decepcionado pelo desempenho do seu vice no primeiro turno. Sem emplacar seu sucessor, Leite vai se despedir do Palácio Piratini, após oito anos de mandato.

Com menos de 10% dos votos válidos, Gabriel Souza lamentou derrota

O candidato ao governo do Estado Gabriel Souza (MDB), atual vice-governador, fez apenas 8,43% dos votos válidos no pleito e amargou a terceira colocação na preferência dos eleitores, ficando atrás de Juliana Brizola (PDT), que obteve 31,65%, e de Luciano Zucco, eleito já no primeiro turno, com 58,05% ao Palácio Piratini.

No final da noite de ontem, foram poucos os apoiadores de Souza que se deslocaram ao comitê de campanha, no bairro São Geraldo, na Capital, para acompanhar a apuração. Com as primeiras parciais divulgadas, o emedebista se distanciou da disputa pelo Palácio Piratini, e o restante da contagem não surtiu qualquer efeito contrário.

O desfecho negativo seguiu a tendência das pesquisas recentes e contrariou o discurso da campanha, de que uma virada rumo ao segundo turno estava se desenhando nos últimos dias. Após o resultado, Souza, que acompanhou a apuração com a família e aliados de chapa, foi ao comitê e concedeu entrevista.

Também estiveram presentes no local os candidatos ao Senado Federal Germano Rigotto (MDB) e Frederico Antunes (PSD), que ficaram com o 5º e 6º lugar, respectivamente, além do governador Eduardo Leite, o prefeito Sebastião Melo e o candidato a vice na chapa, Ernani Polo (PSD). “Fomos atropelados pela polarização”, disse Gabriel Souza, abatido pelo desempenho aquém do esperado.

Ele já telefonou para Zucco e garantiu que haverá uma transição tranquila e democrática.

O candidato afirma que as pesquisas mais recentes contribuíram para o voto útil ao candidato

do PL, e para que a fatura fosse liquidada no primeiro turno. Além disso, a disputa nacional atraiu a atenção quase exclusiva dos eleitores, acentuada por episódios envolvendo o Supremo Tribunal Federal (STF), na análise do candidato, desviando o interesse público nos problemas regionais e o futuro do Estado.

Os debates, inclusive, falharam em entregar ao eleitor um diálogo mais profundo sobre os problemas do Estado, disse o candidato.

Ele apontou que a falta de debates na televisão e no rádio contribuiu para diminuir o interesse do público sobre os temas estaduais, dificultando a apresentação de projetos e favorecendo o encerramento do pleito já no primeiro turno.

Sobre o papel de seu partido, ele ressaltou que fará uma “oposição legítima” e que “não torce contra” o sucesso do novo governo. Além disso, colocou-se à disposição para colaborar ativamente no processo de transição governamental.

Em meio ao clima de derrota no comitê, eram ouvidos os fogos de artifício e os gritos em comemoração no comitê de Zucco, localizada nas proximidades.

Ernani Polo, por sua vez, não comentou o resultado das urnas e apenas marcou presença na mesa com seus pares. O mesmo fizeram Rigotto, Antunes e Melo.

Souza, durante os agradecimentos, ficou visivelmente emocionado ao falar do apoio de sua família, destacando a liderança de sua esposa, Talise, nas agendas pelo Interior e o carinho por sua filha, Dora, quando embargou a voz e precisou fazer uma pausa.

Silvana Covatti é a primeira vice-governadora do RS

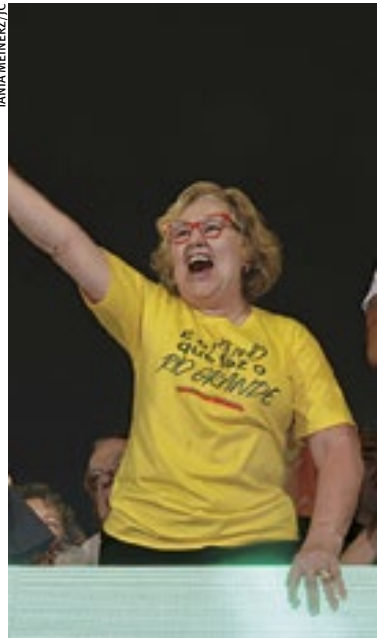
Com a vitória de Luciano Zucco (PL) para o governo do estado, Silvana Covatti (PP) se torna a primeira mulher a conquistar o cargo de vice-governadora do Rio Grande do Sul. Ela também se torna a segunda mulher a ocupar o Palácio Piratini.

Silvana Covatti é deputada estadual, tem 63 anos e é natural de Frederico Westphalen, na Região Norte do Rio Grande do Sul. Casada com o ex-deputado federal Vilson Covatti (PP), é mãe de Viviana, Luís Antônio, nome do deputado federal reeleito Covatti Filho (PP), presidente estadual do partido, e Francieli.

Silvana começou a atuar na política na assessoria do marido. Eleita pela primeira vez em 2006, cumpre seu quinto mandato na Assembleia Legislativa. Em 2010,

foi a parlamentar estadual gaúcha mais votada, com 85.604 votos. Em 2014, voltaria a renovar o mandato, desta vez o terceiro, para o período de 2015 a 2018, quando foi a mais votada entre os concorrentes do seu partido, com 89.130 votos, e quarta posição entre os parlamentares eleitos.

Na legislatura, assumiu a presidência da Assembleia, sendo a primeira mulher na função. Chegou a assumir por cinco dias o governo do Estado, na ausência do então governador José Ivo Sartori (MDB) e do vice José Paulo Cairolí (PSD). Em 2018, foi novamente a parlamentar mais votada do partido, com mais de 75 mil votos. Em 2022, foi a quarta mais votada para a ALRS, com 82.717 votos.



Deputada será a 2ª mulher no Piratini



Gabriel disse que sua campanha foi ‘atropelada pela polarização’

ELEIÇÕES 2026

Reeleição de Lula é prioridade, afirma Juliana Brizola

Pedetista pediu que militância se concentre no pleito nacional após derrota para Luciano Zucco na eleição do RS

Marcus Meneghetti

marcusv@jcrs.com.br

Após a confirmação da vitória de Luciano Zucco (PL) no primeiro turno da eleição ao governo do Estado, a candidata derrotada Juliana Brizola (PDT) concedeu uma coletiva de imprensa no comitê de campanha na noite deste domingo. Ela chamou a militância para trabalhar pela reeleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) – que vai disputar o segundo turno com o Flávio Bolsonaro (PL).

A candidata do PDT ao governo do Rio Grande do Sul iniciou o dia da eleição com um café da manhã no Chalé da Praça XV, no Centro de Porto Alegre, onde se reuniu com apoiadores e lideranças de sua coligação. Na ocasião, ela avaliou que a sua campanha ao Piratini e reiterou algumas das propostas.

Após sair do Chalé da Praça XV, Juliana seguiu para uma série de entrevistas em emissoras de rádio e televisão da Capital. Quando Juliana estava saindo da Rádio Bandeirantes, localizada na Pucrs, a pedetista encontrou o principal adversário, Luciano Zucco (PL). Os dois se abraçaram cordialmente e apresentaram os filhos um ao outro.

A pedetista avaliou os mais de



Após confirmação da derrota para Zucco, candidata concedeu coletiva para a imprensa em seu comitê na Capital

40 dias de campanha ao lado de Manuela (candidata ao Senado) e Edegar (candidato a vice na chapa). “Foi uma campanha propositiva, feita de projetos. Não vim aqui para atacar ninguém, nem para achar culpados. Vim para apresentar propostas concretas para o Rio Grande do Sul voltar a crescer”, disse a candidata do PDT.

No começo da tarde de domingo, ela votou na Escola Estadual de Ensino Fundamental Bahia, em Porto Alegre. Juliana estava acompanhada do vice Edegar Pretto (PT), do filho José Inácio e do coordenador de campanha da

pedetista, Vieira da Cunha (PDT). Na 111ª Zona Eleitoral, seção 269, a candidata Juliana Brizola tinha a prerrogativa de passar na frente, mas preferiu ficar na fila aguardando o momento para votar.

Juliana Brizola agradeceu aos oito partidos e ao vice Edgar Pretto, que ela classificou como um “um vice companheiro e sempre pronto para tudo que a gente precisava”. Aos oito partidos que compuseram a aliança, Juliana Brizola disse que todos não pensam igual. “A gente deixou as nossas diferenças de lado porque entendemos que era um momento muito importante, não só do Rio Grande do

Sul, mas também da política nacional. Por isso nos unimos”, acrescenta.

Após o fechamento das urnas às 17h, os apoiadores de Juliana Brizola se dirigiram ao comitê da pedetista, na rua José Bonifácio, bairro Bom Fim, em Porto Alegre, para acompanhar a apuração dos votos. No entanto, conforme a contagem dos votos avançava – concretizando a vitória de Zucco –, o entusiasmo no rosto da militância se transformava em frustração. Muitos desistiram de esperar Juliana no comitê e foram embora carregando suas bandeiras.

Juliana chegou ao seu comitê

acompanhada do vice Edegar Pretto (PT) e do candidato ao Senado Paulo Pimenta (PT) – que ficou em quarto lugar no pleito. A outra candidata ao Senado Manuela d’Ávila (PSOL) – que ficou em terceiro lugar – não compareceu ao pronunciamento. A candidata do PDT ao governo do Estado iniciou a sua fala tentando descontrair o clima triste. “Não fiquem com essa cara de velório, gente”, disse Juliana.

Em seguida, disse que, apesar da derrota, a militância tinha um alento: lutar pela reeleição do presidente Lula. Na eleição presidencial, Flávio Bolsonaro (PL) terminou o primeiro turno em primeiro lugar, com cerca de 47% das intenções de voto, enquanto o petista ficou em segundo lugar, com quase 45%. “Temos um grande alento, que é a eleição do presidente Lula. Vamos trabalhar a partir de amanhã para isso”, declarou Juliana.

Ela também agradeceu a Paulo Pimenta por costurar a aliança da maioria dos partidos de centro-esquerda no primeiro turno. “Tivemos uma grande conquista, que foi unir o nosso campo no primeiro turno, o que nunca tinha acontecido”, comentou.

Juliana revelou ainda que recebeu uma ligação de Zucco. “Já recebi um telefonema do governador eleito Zucco. Temos grandes diferenças. Mas não vou atrapalhar o Rio Grande do Sul por causa dessas diferenças”, comentou.

Juliana Brizola terminou o primeiro turno com 31,65% dos votos válidos. Ela recebeu 1.917.374 dos votos no Rio Grande do Sul.

Quarto colocado, Marcelo Maranata se diz satisfeito com trajetória durante a campanha eleitoral



Maranata votou Escola Estadual Gomes Jardim, em Guaíba

O ex-prefeito de Guaíba Marcelo Maranata (PSDB) encerrou o primeiro turno das eleições para o governo do Rio Grande do Sul como o quarto candidato mais votado. Ele teve 1,68% dos votos válidos, totalizando 101.978 eleitores que o escolheram em primeiro turno.

Ao longo do domingo, o candidato fez uma avaliação da sua campanha. Ele se mostrou satisfeito com a trajetória da candidatura, e avaliou que, mesmo com poucos recursos financeiros, conseguiu apresentar suas ideias ao povo gaúcho. “Mesmo só com 30 segundos de televisão, pouco recurso, conseguimos falar com o

povo gaúcho nos debates. Eu fui a todos, os painéis, eu fui a todos. Conseguimos apresentar as propostas, um caminho de esperança para o Estado, mostrando como podemos fazer o RS crescer, apresentando como vamos implementar os projetos, dizendo da onde vai tirar o recurso”, destacou.

Ele ainda destacou sua trajetória no Executivo como um trunfo eleitoral. “Tenho 35 anos no varejo, fui presidente duas vezes da maior associação de prefeitos do Estado, independentemente se era governo Bolsonaro ou Lula. Isso nos dá condição de negociar”, pontuou Maranata, que atualmente é prefeito reeleito de Guaíba.

Maranata votou na Escola Estadual de Educação Gomes Jardim, localizada no Centro de Guaíba. Ele compareceu ao domicílio eleitoral acompanhado da esposa e também candidata a deputada estadual, Deisi Maranata, e dos filhos. Após exercer a cidadania, ele optou por permanecer na cidade, acompanhando a movimentação.

O candidato acompanhou a apuração das urnas de forma reservada, em casa, acompanhado da esposa e de seus familiares. Conforme a assessoria de imprensa, ele decidiu não se pronunciar sobre o resultado da eleição, que confirmou Luciano Zucco (PL) como governador eleito do Estado.

ELEIÇÕES 2026

Bancada gaúcha em Brasília tem 39% de renovação

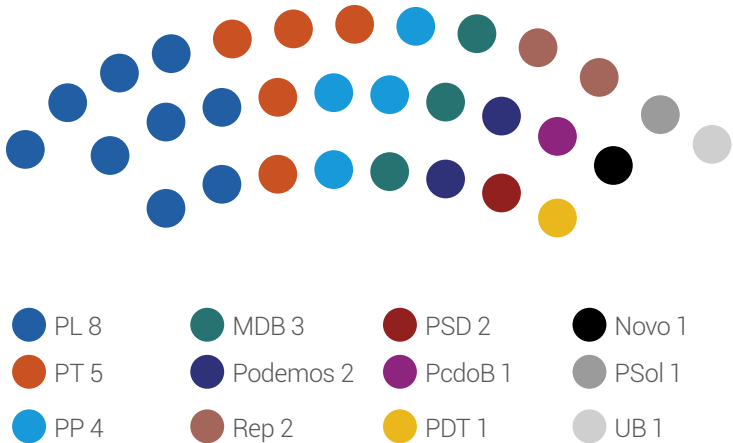
Três partidos deixaram de ter representantes na Câmara Federal; PL dobrou vagas e agora tem oito deputados

Livia Araújo
livia@jcrs.com.br

A nova bancada gaúcha na Câmara dos Deputados conta com uma mudança que não fica apenas nos 39% de renovação entre os deputados eleitos, mas está marcada principalmente por uma reconfiguração na distribuição partidária na Casa. Ao todo, a bancada saiu de 14 para 11 partidos, e duas legendas outrora tradicionais no Estado, PSB e PSDB, perderam representação no Parlamento, assim como o Cidadania. O PL, partido do governador eleito Luciano Zucco e do líder da votação nacional para presidente, Flávio Bolsonaro, dobrou o número de deputados federais, passando de quatro para oito.

Assim, a sigla do ex-presidente Jair Bolsonaro se tornou a maior sigla gaúcha na Câmara Federal. O resultado final saiu às

Bancadas por partido



21h11min, com 100% das urnas apuradas.

O PT saiu de seis para cinco cadeiras; em conjunto com o PCdoB, que compõe a Federação PT-PV-PCdoB, se torna a segunda maior bancada.

A Federação União Progressista tem cinco assentos: quatro para o PP - um a mais que em 2022 - e um para o União Brasil. O MDB manteve o mesmo número da última legislatura, com três deputados; Podemos, PSD e

Republicanos ficaram com duas cadeiras cada um; Novo e PSOL mantiveram suas vagas, com um parlamentar cada; e o PDT, que elegeu dois nomes em 2022, perdeu uma cadeira e tem só um representante na Casa.

Com a maior bancada, o PL também teve o candidato mais votado: Maurício Marcon, que trocou o Podemos pela sigla bolsonarista. Ele recebeu um total de 379.834 votos e foi reeleito. O segundo lugar também marcou uma reeleição: Fernanda Melchionna (PSOL) recebeu 280.262 votos, o que não foi o suficiente para ampliar a bancada da Federação Rede-PSOL, que ficou com um só assento. O terceiro mais votado é um nome tradicional no Parlamento: Giovanni Cherini (PL), que recebeu 234.171 votos.

A surpresa ficou por conta de Rony Gabriel, do Podemos: o ex-vereador de Erechim recebeu 223.643 votos e foi o quarto mais votado. A Câmara dos Deputados também verá a chegada de outros nomes que ainda não tinham sido deputados: o ex-prefeito de Bento Gonçalves, Diogo Siqueira; o ex-vereador de Porto Alegre Jessé Sangali e Perondi, candidato à prefeitura de Pelotas em 2024, os três compondo as fileiras do PL.

Outros candidatos ascenderam de cargos na Assembleia Legislativa. É o caso de Felipe Camozzato, do Novo, e Gustavo Victorino (Republicanos), além de Vilmar Zanchin e Juvir Costella, ambos do MDB. O pleito também marcou a volta do ex-senador Sérgio Zambiasi, agora pelo Podemos.

Nomes tradicionais permanecem, mas partidos deixam de ter representantes

Apesar dos azarões que marcaram a ampliação da bancada do PL gaúcho na Câmara Federal, grande parte das legendas conseguiram reeleger nomes tradicionais já conhecidos do eleitorado em diversas legislaturas.

O partido com menor renovação - e que não teve trocas na janela partidária - foi o PT. Da sigla, foram reeleitos Maria do Rosário, Marcon, Valdeci, Bohn Gass e Denise Pessôa, que em 2022 havia sido eleita pela primeira vez, junto com Daiana Santos (PCdoB), que também foi reeleita na federação. O partido não viu a reeleição de Alexandre Lindenmayer, ex-prefeito de Rio Grande, que ficou na suplência.

Do PP, Afonso Hamm, Pedro Westphalen e Covatti Filho foram reeleitos e agora contam com a adição de Any Ortiz, que em 2022 era parte do Cidadania e também foi reeleita. Busato (União Brasil), que compõe a federação, foi igualmente reeleito.

Já o PSDB perdeu sua bancada, mas teve um ex-representante reeleito, Lucas Redecker, que trocou as hostes tucanas pelo PSD de Danrlei, que também conseguiu ficar por mais uma legislatura. Outro partido que deixou a casa foi o PSB, que perdeu seu único representante, Heitor Schuch. Já os pedetistas, que já foram um dos principais partidos da bancada gaúcha, não conseguiram reeleger Afonso Motta. Ficou Pompeu de Mattos como o único representante da sigla.

Abstenção no Rio Grande do Sul volta a crescer e passa dos 21%

O Rio Grande do Sul registrou 21,36% de abstenção no primeiro turno das Eleições Gerais de 2026. Dos 8.526.233 eleitores aptos a votar no Estado, 1.819.041 não compareceram às urnas no primeiro turno das eleições. Os dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) representam um aumento de 1,58% em relação às eleições gerais de 2022, quando a abstenção foi de 19,78%, equivalente a 1.699.683 eleitores.

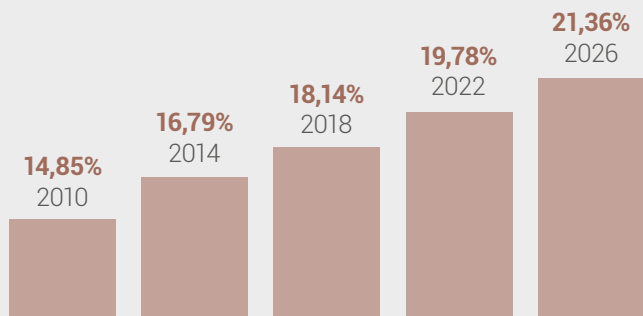
O percentual de 2026 mantém a trajetória de crescimento observada no Estado desde as eleições gerais de 2014. No Rio Grande do Sul, a abstenção foi de 16,79% em 2014, passou para 18,14% em 2018 e chegou a 19,78% em 2022.

Em Porto Alegre, 255.165

dos 1.061.485 eleitores aptos não compareceram às urnas, o equivalente a 24,03%. A abstenção em 2022 na Capital foi de 22,5%, o equivalente a 248.255 eleitores.

Para efeito de comparação, no Brasil, 21,08% dos eleitores aptos não compareceram às urnas no primeiro turno. O índice representa aproximadamente 33,5 milhões de pessoas entre os mais de 158 milhões de eleitores aptos no país. A taxa ficou pouco acima da registrada em 2022, quando 20,93% do eleitorado não compareceu às urnas, o equivalente a 32.739.676 eleitores. A taxa de abstenção corresponde ao percentual de eleitores aptos que não compareceram à votação.

Histórico da abstenção nas eleições do RS



Deputados federais gaúchos eleitos

PL		Podemos	
Maurício Marcon	379.834	Rony Gabriel.....	223.643
Giovani Cherini.....	234.171	Sérgio Zambiasi.....	44.929
Osmar Terra	116.647		
Marcelo Moraes.....	103.292	Republicanos	
Jessé Sangali.....	94.625	Gustavo Victorino	94.428
Diogo Siqueira	93.067	Carlos Gomes.....	82.245
Bibo Nunes	74.207		
Perondi.....	73.974		
PT*		PSD	
Maria do Rosário	173.788	Danrlei.....	105.079
Bohn Gass	111.196	Lucas Redecker	99.817
Denise Pessôa.....	100.893		
Marcon	99.566	Novo	
Valdeci.....	93.419	Felipe Camozzato.....	85.167
PP**		PDT	
Afonso Hamm	152.762	Pompeo de Mattos	83.934
Any Ortiz.....	151.433		
Pedro Westphalen.....	128.095	PCdoB*	
Covatti Filho	123.360	Daiana Santos	114.315
MDB		PSOL	
Alceu Moreira.....	217.208	Fernanda Melchionna	280.262
Juvir Costella	77.933		
Vilmar Zanchin	40.406	União Brasil**	
		Busato.....	60.127

*Federação PT-PV-PCdoB
** Federação União Progressista

ELEIÇÕES 2026

Eleito senador, Sanderson diz que fará gestão “na paz”



Ao lado de apoiadores, Sanderson pediu que fosse rezado um Pai Nosso antes de dar primeira entrevista como eleito

Em discurso, eleito pelo PL acenou com processo de impeachment contra ministros do STF

Jefferson Klein

jefferson.klein@jornaldocomercio.com.br

O deputado federal Ubiratan Sanderson (PL) foi o candidato mais votado na disputa ao Senado no Rio Grande do Sul. Sanderson se manifestou no começo da noite deste domingo como senador eleito, em coletiva à imprensa.

Apesar de ter vencido com o apoio de uma corrente política da direita, afirmou que irá atuar no Senado para todos os gaúchos, com um gestão focada “na paz”. No final da apuração, Sanderson obteve 30,11% dos votos válidos (3.453.316 votos), seguido por Marcel van Hattem (Novo), que fez 3.449.053 votos (30,08%) e garantiu a segunda vaga.

Um dos seus primeiros pontos foi apontar o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) como preso político e adiantar que irá abrir um processo de impeachment contra três ministros do Supremo Tribunal Federal (STF): Alexandre de Moraes, Gilmar Mendes e Dias Toffoli.

Conforme Sanderson, esses ministros cometeram crime de responsabilidade. “Se os ministros deram sentenças com base em ativismo político, eles vão ter que

responder agora por isso”, alerta o senador eleito. Ele sustenta que o STF deve ser apenas uma corte constitucional, não podendo agir “como uma delegacia de polícia”, fazendo a perseguição de pessoas.

Quanto a Jair Bolsonaro ele frisa que essa questão terá que “ser resolvida no Congresso”. Segundo ele, o ex-presidente foi condenado sem provas, com base em uma construção hipotética. Outra promessa de Sanderson foi a de acabar com o foro privilegiado. “Só serve para proteger bandido”, diz o futuro senador.

Ele citou ainda seu crescimento durante a campanha, saindo de pesquisas que lhe davam 3% das intenções de votos, até ser eleito com uma expressiva margem. Depois de comemorar com seus apoiadores em seu QG de campanha, no bairro Menino Deus, na capital gaúcha, Sanderson pediu para ser rezado um ‘Pai Nosso’, em agradecimento a sua eleição.

O domingo foi agitado para o candidato eleito. Pela manhã, ele votou na cidade de Santo Ângelo. Depois, pegou um voo até Porto Alegre para acompanhar a apuração. Antes de começarem a ser divulgados os primeiros votos, que já apontavam Sanderson e Marcel Van Hattem na frente da corrida pelas duas vagas ao Senado, o candidato do PL afirmou, em entrevista para o Jornal do Comércio, que a expectativa era grande

porque não se sabia qual seria o resultado das urnas.

“Trabalhamos e fizemos uma campanha muito forte, muito responsável, sem ataques, apenas mostrando os nossos propósitos e projetos”, ressaltou. Na ocasião, também salientou a questão do endividamento dos produtores rurais gaúchos e a necessidade de enfrentar os ministros do STF.

O futuro senador nasceu em Erechim em 1º de dezembro de 1969. Com três anos, mudou-se para Santo Ângelo – na Região das Missões – onde viveu até os 19 anos. Nessa idade, serviu no Exército em Santa Maria. Permaneceu na carreira militar por cinco anos e chegou a ser oficial de infantaria.

Depois da passagem pelas Forças Armadas, ingressou na Faculdade de Direito e, após se formar, passou em um concurso público para a Polícia Federal, onde permaneceu por 23 anos. Em 2002, foi transferido para Porto Alegre. Foi presidente do Sindicato dos Policiais Federais do Rio Grande do Sul entre 2012 e 2015.

Nas eleições gerais de 2018, concorreu pelo PSL a deputado federal a pedido do então candidato à presidência da República, Jair Bolsonaro (na época, PSL; hoje PL). Foi eleito. Em 2022, se reelegeu pelo PL. Na Câmara dos Deputados, foi presidente da Comissão de Segurança Pública e Combate ao Crime Organizado.

Senado

Sanderson (PL)	30,11%	3.453.316 votos
Van Hattem (Novo)	30,08%	3.449.053 votos
Manuela (PSOL).....	17,07%	1.957.697 votos
Pimenta (PT).....	16,31	1.870.301 votos
Rigotto (MDB).....	3,67%	420.722 votos
Frederico Antunes (PSD).....	1,95%	223.643 votos
Daniela Mulheres Socialistas (PSTU).....	0,23%	26.844 votos
Milton Cardoso (PSDB).....	0,23%	25.937 votos
Renato Jaguarão (Cidadania).....	0,14%	16.428 votos
Tania Peres (UP).....	0,11%	12.192 votos
Luciano Do MLB (UP).....	0,05%	5.658 votos
Regis Ethur (PSTU).....	0,03%	3.991 votos
Ric Jones (PCO)*.....	0,02%	2.310 votos
Branços.....	8,13%	1.089.553
Nulos.....	6,25%	837.203

* a candidatura está sub judice. Se indeferida, os votos serão considerados nulos

Após derrota, Manuela d’Ávila pede mobilização em nome de Lula

Marcus Meneghetti

politica@jornaldocomercio.com.br

Ao se pronunciar sobre o resultado da eleição ao Senado em frente ao seu comitê na rua José do Patrocínio, em Porto Alegre, a candidata derrotada Manuela d’Ávila (PSOL) – que ficou em terceiro lugar, com 17,07% dos votos válidos – falou à militância que a “missão” no segundo turno da eleição presidencial é “livrar o Brasil da extrema-direita”.

No primeiro turno da eleição presidencial, Flávio Bolsonaro (PL) terminou em primeiro lugar, com 47% dos votos. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) ficou em segundo, com 45%. Os dois vão disputar o segundo turno, que ocorre no dia 25 de outubro.

“Temos uma tarefa, uma responsabilidade, que une a todos, homens e mulheres. A nossa responsabilidade é derrotar a extrema direita no Brasil e eleger Lula nosso presidente”, falou Manuela em um carro de som.

Ela também conclamou os correligionários a repetir a campanha de 2022, na qual Lula derrotou o pai de Flávio, o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL). “Temos 21 dias para salvar o Brasil da extrema-direita mais uma vez”, declarou – sendo aplaudida pelos

militantes. Ela estava acompanhada da deputada federal reeleita Fernanda Melchionna (PSOL), do deputado estadual reeleito Mateus Gomes (PSOL) e do deputado federal Henrique Fontana (PT), que foi o seu suplente na corrida ao Senado.

Manuela não compareceu ao comitê da candidata ao governo do Estado Juliana Brizola (PDT), que liderou a chapa majoritária da qual a candidata do PSOL fazia parte. O outro candidato ao Senado dessa chapa, Paulo Pimenta (PT), acompanhou Juliana ao comitê dela. O vice Edegar Pretto (PT) também.

A candidata do PSOL começou o dia em um café da manhã com os demais candidatos da coligação, no Chalé da Praça XV, em Porto Alegre. Em seguida, votou no Colégio Santa Inês, no bairro Petrópolis, acompanhada pelo marido, o músico Duca Leindecker, a filha Laura, 11 anos, e o ex-deputado federal Henrique Fontana, candidato a suplente. Na saída, fez uma avaliação da campanha e convocou os gaúchos a irem às urnas. “Fizemos uma campanha linda, alegre, conversando com as pessoas sobre os problemas graves que enfrentamos, como as *bets* e a violência contra as mulheres”, disse.

ELEIÇÕES 2026

Eleito, Van Hattem fala em “colocar STF no seu lugar”



MARCEL VAN HATTEM/DIVULGAÇÃO/JC

Futuro senador destacou proximidade com Sanderson, também eleito: ‘eu preferia não ir ao Senado do que ir sozinho’

Deputado federal conquistou 30,08% dos votos válidos e ficou com a segunda vaga

Gabriel Margonar
gabrielm@jcrs.com.br

Eleito senador pelo Rio Grande do Sul neste domingo, Marcel van Hattem (Novo) colocou o enfrentamento a ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) no centro de seu primeiro discurso após a confirmação da vitória.

O deputado federal conquistou 3.449.053 votos, ou 30,08% dos votos válidos, e ficou na segunda colocação, logo atrás de Sanderson (PL), que recebeu 3.453.316 votos (30,11%).

Durante a comemoração, Van Hattem voltou a defender a abertura de processos de impeachment contra ministros da Corte - citando Alexandre de Moraes - e celebrou o fato de chegar ao Senado ao lado de Sanderson.

“Eu sempre disse, antes mesmo de oficializar a candidatura, que preferia não ir para o Senado do que ir sozinho. Então, estou indo para o Senado acompanhado do Sanderson para fazer o impeachment do Moraes”, declarou.

Em outra manifestação após

o resultado, o senador eleito afirmou que pretende aumentar a pressão da Casa sobre o Supremo. “Vamos colocar o Supremo Tribunal Federal no seu lugar”, disse. Van Hattem também atribuiu o cenário que critica à falta de reação do Senado.

O resultado também confirmou nas urnas a estratégia de campanha conjunta adotada por Van Hattem e Sanderson. A diferença entre os dois foi de apenas 4.263 votos e 0,03 ponto percentual, em um universo de mais de 3,4 milhões de votos recebidos por cada um.

A proximidade foi celebrada pelos dois grupos durante a comemoração. “Essa eleição está escrita nos anais da ciência política como a mais incrível de dois votos na história do Brasil. Teve Sanderson e Marcel. Teve Marcel e Sanderson”, afirmou Van Hattem em discurso aos apoiadores.

Além da relação entre Senado e STF, Van Hattem apontou durante a campanha a dívida do Rio Grande do Sul com a União como uma das prioridades para o mandato. No primeiro pronunciamento depois da eleição, voltou ao assunto e afirmou que pretende atuar para rever a relação financeira entre Estado e governo federal.

Da mesma forma, o

parlamentar destacou o modelo de financiamento utilizado na campanha. Segundo Van Hattem, a candidatura não utilizou recursos públicos e recebeu contribuições de mais de 15 mil doadores. “Nós sabemos que, no início, muita gente desacreditava. Tinha muita gente que achava que uma campanha como eu fiz de novo, sem dinheiro público, não ia ser uma campanha viável”, defendeu.

Van Hattem começou o domingo demonstrando confiança na eleição. Pela manhã, após participar de um café no comitê de Luciano Zucco, afirmou ao Jornal do Comércio estar “muito otimista” com o resultado.

Mais tarde, votou no Grêmio Náutico União (GNU), em Porto Alegre, acompanhado da mãe e de um dos irmãos. Depois de permanecer cerca de 30 minutos na fila, afirmou estar de “alma leve, coração feliz”, mas evitou antecipar o resultado das urnas.

Horas depois, com a eleição confirmada, Van Hattem comemorou ao lado de apoiadores e dos integrantes da chapa. Em cima de um carro de som, agradeceu à família, aos voluntários e aos suplentes Sérgio Turra (PP) e Ricardo Jobim (Novo) e afirmou que o mandato deverá “servir ao gaúcho e ao brasileiro”.

Rigotto e Antunes têm desempenho abaixo do esperado nas eleições 2026

Cássio Fonseca

politica@jornaldocomercio.com.br

Os candidatos ao Senado Federal pela coligação “Nosso Rio Grande Não Para”, Germano Rigotto (MDB) e Frederico Antunes (PSD), já não estavam entre os favoritos nas prévias das eleições deste domingo. Mas o desempenho, mesmo assim, ficou aquém do esperado e muito distante dos mais de 60% dos votos válidos que elegeram Ubiratan Sanderson (PL) e Marcel van Hattem (Novo) como novos senadores do Rio Grande do Sul.

Principalmente no caso de Rigotto, que já foi governador do Estado e, na pesquisa Quaest divulgada neste sábado, às vésperas do pleito, marcava 10% das intenções. Nas urnas, no entanto, fez 3,67%, com 420.722 eleitores. Já Antunes foi mais estável. No mesmo levantamento, ele marcou 2% e, neste domingo, contabilizou 1,95%, com 223.643 votos. Além de ficarem atrás da dupla vencedora no Senado, também foram

superados por Manuela d’Ávila (PSOL) e Paulo Pimenta (PT).

“O resultado tem muito a ver com a polarização no Brasil. Claro que isso teve efeito na eleição do Rio Grande do Sul”, analisa Rigotto. O emedebista também frisa que é preciso aceitar o resultado, desejar sucesso aos eleitos e que seguirá ajudando no que pode, mesmo sem mandato.

Antunes afirma que sua ala política será contributiva e ajudará aqueles que estão assumindo a responsabilidade de governar o Rio Grande do Sul. Atual deputado estadual e sem mandato a partir de 2027, ele concorda que a polarização tomou conta do pleito, mas que sempre será necessária a articulação e a construção de uma maioria para “convergir em busca daquilo que as pessoas precisam”.

“Vamos contribuir sempre com isso. Porque quem ganhou pode ser de um extremo, mas ele vai se dar conta que não governa sozinho”, frisa. “Quem perde aprende, quem ganha vai ter que aprender”, completa Antunes.



DANI BARCELLOS/DIVULGAÇÃO/JC

Antunes e Rigotto deram coletiva juntos no comitê de Gabriel Souza

“As urnas são soberanas”, reconhece Pimenta após ficar em quarto lugar

Marcus Meneghetti

politica@jornaldocomercio.com.br

Após os resultados deste domingo, o candidato derrotado ao Senado Paulo Pimenta (PT) - que acabou em quarto lugar com 16,3% dos votos válidos - se pronunciou ao lado de Edegar Pretto (PT) e Juliana Brizola (PDT) no comitê da pedetista. Ele reconheceu o avanço dos “conservadores e extremistas” e afirmou que “as urnas são soberanas”.

“Não somos daqueles que

questionam as regras do jogo, quando o resultado não é o que esperamos. Não tem ninguém aqui que questiona as urnas eletrônicas”, iniciou sua fala no comitê de campanha de Brizola, diante de militantes e jornalistas.

“Nesses momentos, temos que valorizar a união daqueles que defendem a democracia. Agora nosso desafio é eleger o presidente Lula. Vamos trabalhar a partir de amanhã para reverter o que as urnas nos disseram hoje”, disse Pimenta, bastante aplaudido.

ELEIÇÕES 2026

Assembleia Legislativa renova quase metade das cadeiras



FERNANDO GOMES/AGÊNCIA ALRS/JC

Palácio Farroupilha, sede do Parlamento do Rio Grande do Sul, terá 27 novos deputados na próxima legislatura

Mudança foi de 49% das 55 vagas, com 28 candidatos reeleitos e 27 novos deputados ingressando na casa; PL consolida maior bancada no Parlamento

Ana Stobbe
ana.stobbe@jcrs.com.br

Quase metade dos deputados estaduais que assumirão o mandato em janeiro de 2027 será novidade na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. Dos 55 eleitos, 49% não haviam conquistado uma cadeira em 2022. A renovação, embora elevada, ficou ligeiramente abaixo da registrada na eleição anterior, quando 50,9% dos parlamentares eleitos eram estereantes.

A nova composição também altera a correlação de forças entre os partidos. A Federação Brasil da Esperança, formada por PT, PCdoB e PV, que tinha a maior bancada da Assembleia, com 11 cadeiras, perdeu uma vaga. O PSOL, por outro lado, ampliou sua representação para três parlamentares, com a eleição da vereadora de Porto Alegre Karen Santos.

Mesmo que a Federação Brasil da Esperança tivesse mantido as 11 cadeiras, porém, teria perdido o posto de maior bancada. O PL mais do que dobrou sua representação no Legislativo estadual, passando de cinco

para 12 deputados. A sigla também elegeu Luciano Zucco ao governo do Estado.

Entre os cinco candidatos mais votados para a Assembleia, três são do PL: Adri Cherini lidera, com 129.492 votos; Professor Cláudio Branchieri foi o quarto mais votado, com 123.437; e Comandante Nádía a quinta, com 111.341. O segundo lugar ficou com Delegado Zucco (Republicanos), irmão do governador eleito, que recebeu 128.599 votos. A terceira colocação foi de Luciana Genro (PSOL), representante mais votada da esquerda, com 127.601 votos.

A renovação do Legislativo estadual também terá impacto sobre a Câmara Municipal de Porto Alegre. Dos 12 vereadores que disputaram uma vaga na Assembleia, cinco foram eleitos: Natasha (PT), Karen Santos (PSOL), Comandante Nádía (PL), Moisés Barboza (PSDB) e Ramiro Rosário (Novo).

Natasha, que se identifica como travesti, fará história ao se tornar a primeira deputada estadual trans da Assembleia Legislativa gaúcha. Já Karen Santos contribuirá para a manutenção de duas das três cadeiras da bancada negra na Casa, que antes era composta por Matheus Gomes (PSOL), reeleito, Laura Sito (PT), que disputou uma vaga na Câmara dos Deputados, mas não foi eleita, e Bruna Rodrigues (PSB), que não conquistou a reeleição.

Moisés Barboza, presidente do

PSDB no Rio Grande do Sul e da Câmara Municipal de Porto Alegre, também marca o retorno do seu partido à Assembleia. Em 2022, a sigla havia eleito cinco deputados estaduais, em um cenário de forte desempenho de Eduardo Leite, então candidato à reeleição ao governo pela legenda.

Com a migração do governador para o PSD, os parlamentares tucanos também deixaram o partido em busca de novas siglas, fazendo com que o PSDB perdesse toda a sua representação na Assembleia. Agora, a legenda volta a ter ao menos um deputado estadual.

Embora a eleição tenha produzido uma taxa elevada de renovação em relação a 2022, parte dos eleitos já havia exercido o mandato em legislaturas recentes. É o caso de Rafael Braga (MDB), que era suplente e assumiu temporariamente a vaga de Juvir Costella (MDB), nomeado secretário estadual de Logística e Transportes no início do governo Eduardo Leite. Costella, por sua vez, elegeu-se deputado federal.

Situação semelhante ocorreu com Halley Lino (PT), que assumiu a cadeira de Luiz Fernando Mainardi (PT) depois que o então deputado foi eleito prefeito de Bagé, em 2022. Dimas Costa (PSD), por sua vez, foi eleito após ter exercido temporariamente o mandato de Gaúcho da Geral (PSD), que deixou a Assembleia para integrar o governo Leite e também não conseguiu a reeleição.

Deputados Estaduais eleitos

Republicanos

Delegado Zucco (Republicanos)
Sergio Peres (Republicanos)
Capitão Martim (Republicanos)
Elizandro Sabino (Republicanos)

MDB

Roberto Lucchese (MDB)
Luciano Silveira (MDB)
Beto Fantinel (MDB)
Rafael Braga (MDB)
Edivilson Brum (MDB)

Partido Novo

Ramiro Rosário (Novo)

PDT

Eduardo Loureiro (PDT)
Diego Picucha (PDT)
Tiago Cadó (PDT)
Gilmar Sossella (PDT)

Podemos

Ronaldo Santini (PODE)
Bruna Molz (PODE)

PL

Adri Cherini (PL)
Professor Cláudio Branchieri (PL)
Comandante Nádía (PL)
Paparico Bacchi (PL)
Scalco (PL)
Kelly Moraes (PL)
Cláudio Tatsch (PL)
Vanice de Matos (PL)
Daiane Mello (PL)
Junior Fox (PL)
Adriana Lara (PL)
Ali Klemt (PL)

PSD

Delegada Nadine (PSD)
Gio Krug (PSD)
Ana Tarouco (PSD)
Dimas Costa (PSD)
Marcelo Arruda (PSD)

Federação PSDB/Cidadania

Moisés Barboza (PSDB)

Federação PSOL/REDE

Luciana Genro (PSOL)
Matheus Gomes (PSOL)
Karen Santos (PSOL)

Federação PT/PCdoB/PV

Leonel Radde (PT)
Adão Pretto (PT)
Pepe Vargas (PT)
Natasha (PT)
Jeferson Fernandes (PT)
Halley (PT)
Humberto Matos (PCdoB)
Sofia Cavedon (PT)
Zé Nunes (PT)
Miguel Rossetto (PT)

Federação União Brasil/PP

Guilherme Pasin (PP)
Joel Wilhelm (PP)
Dirceu Franciscón (União Brasil)
Marcus Vinícius (PP)
Ronize Damassini (PP)
Luís Fernando Pires (PP)
Nicole Weber Covatti (PP)
Salmo (PP)

Reeleitos

Composição dos partidos na legislatura

